

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

ANTONIA RAYANNE DA COSTA SOUSA

**A PERSONAGEM ANA TERRA DE *O TEMPO E O VENTO*: O DESAFIO DE SER
MULHER NO SÉCULO XIX.**

PATU
2016

ANTONIA RAYANNE DA COSTA SOUSA

**A PERSONAGEM ANA TERRA DE *O TEMPO E O VENTO*: O DESAFIO DE SER
MULHER NO SÉCULO XIX.**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Ms. Fernando de Azevedo Guedes.

PATU
2016

ANTONIA RAYANNE DA COSTA SOUSA

**ANÁLISE DA FIGURA FEMININA “ANA TERRA” EM “O TEMPO E O VENTO”: O
DESAFIO DE SER MULHER NO SÉCULO XIX**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^o. Ms. Fernando de Azevedo Guedes.

Aprovada em ___/___/_____

Banca Examinadora

Nome do orientador
Prof.^o. Ms. Fernando de Azevedo Guedes

1º Examinador
Prof.^a. Ms^a. Larissa Cristina Viana Lopes

2º Examinador
Prof.^a. Esp. Jaqueline Camargo do Nascimento Gonçalves

Dedico aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado me dando forças. Ao meu avô Olímpio (*in memoria*), que se estivesse presente também estaria ao meu lado, torcendo por mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente. O que seria de mim sem a fé que tenho nEle? A Ele, que iluminou o meu caminho, pela força e coragem que me deu durante esta caminhada.

Aos meus pais, Antonia Nilzete e Raimundo Olimpio, que lutaram para ter sua filha formada e, mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas, nunca desistiram de mim. E que sempre sonharam com o melhor para minha vida. Meus pais são meu alicerce.

Ao meu marido, Antonio Elias, com quem divido parte da minha vida, pela força e paciência comigo, por entender o quanto é difícil enfrentar uma faculdade e por estar me apoiando sempre nessa empreitada.

Aos meus professores, que me ensinaram várias coisas que sei hoje. Principalmente a professora Silvânia Araújo, que me mostrou como um professor é apaixonado pelo que faz, ela é um exemplo a ser seguido. Também a professora Larissa, por fazer parte do meu amor por literatura e por ter me apresentado a obra *O Tempo e o Vento* e ter me ensinado as poucas coisas que sei sobre Literatura.

Ao meu orientador, Fernando Guedes, por ser tão paciente e por ter me orientado na escrita deste trabalho.

Aos técnicos do departamento, Serafim e Bruno (que foi embora logo), pelo carinho que tiveram comigo durante esses quatro anos de enjoo no departamento.

Aos funcionários da Uern, cozinheiras, zeladores, diretor e vice, e as meninas da xérox.

Aos meus colegas de sala e amigos, aqueles que me acolheram em suas casas, aqueles que mostraram a força da amizade e aqueles também que eu não consegui agradecer. A todos, obrigada.

Aos amigos da minha vida, aqueles que tenho fora do âmbito acadêmico, que vêm comigo desde a infância e a adolescência.

A minha amiga de coração que conheci no ambiente acadêmico, Andreza, por ter me aturado durante esses quatro anos em sua vida e em sua casa.

*Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras
constroem moinhos de vento.
(Érico Veríssimo)*

RESUMO

Neste trabalho buscamos estudar a figura feminina Ana Terra, da obra *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, considerando o contexto histórico-cultural da obra, situado no fim do século XIX. Nossa análise se constitui de um estudo analítico-descritivo da personagem Ana Terra, para que possamos compreender que mulher ela representou na obra, qual o seu perfil como figura feminina no século XIX, o que ela passou na história da obra para se tornar uma mulher perseverante e forte. Diante desses objetivos é que caracterizamos metodologicamente a pesquisa como bibliográfica e indutiva. Nosso embasamento teórico será em Ribeiro (1996), Cunha (2001), Teles (1999), Saffioti (2004), Veríssimo (2004), Sauthier (2008), Coutinho (2004), Magalhães (2011) e Lucena (2003), pois são autores que falam, de um lado, sobre a história da mulher na sociedade, e de outro, sobre a obra estudada, seu contexto, sua importância no campo da literatura, principalmente a regionalista. Diante das discussões sobre a mulher na sociedade do século XIX e sobre estudos acerca da obra *O tempo e o vento*, entendemos que a personagem Ana Terra é uma mulher que mostra-se forte, determinada e corajosa que, mesmo depois de ter passado por uma grande violência, encontrou forças para continuar, criar seu filho e se tornar a matriarca da família Terra-Cambará.

Palavras-Chave: Figura Feminina. O Tempo e o vento. Século XIX.

ABSTRACT

In this work we aim to study the female figure Ana Terra, work *O Tempo e Vento*, Érico Veríssimo, considering the historical and cultural context of the work, set in the late 19th century. Our analysis is a descriptive analytical study of Ana Terra character, so that we can understand that woman she represented in the work, what your profile as a female figure in the 19th century, what she went through in the history of the work to become a woman persevering and strong. In front of these goals is that feature the bibliographical research as methodologically and inductive. Our theoretical basis will be in Ribeiro (1996), Cunha (2001), Teles (1999), Saffioti (2004), Veríssimo (2004), Sauthier (2008), Coutinho (2004), Magalhães (2011) and Lucena (2003), as are authors who speak, on one side, on the history of women in society, and others, about the work, its context, its importance in the field of literature, especially the regionalist. On the discussions about the woman in 19th century society and on studies about the work *O Tempo e o Vento*, we understand that the character Ana Terra is a woman who is strong, determined and brave that, even after having gone through a great violence, found the strength to continue, raising a son and become the matriarch of the Terra-Cambará family.

Keywords: Female Figure. *O Tempo e o vento*. The 19th Century.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A MULHER NO SÉCULO XIX NO BRASIL.....	12
3 O TEMPO E O VENTO: AS GERAÇÕES DE VIDA PERIGOSA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL.....	20
4 ANA TERRA DESAFIANDO PARADIGMAS.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscamos estudar a personagem Ana Terra, da obra *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, considerando o contexto em que a mulher se situava durante o século XIX, época em que se passa a história da obra.

A obra *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, foi publicada no ano de 1949 e a história acontece na época do processo de formação do estado Rio Grande do Sul. Foi publicada em três romances: *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*. Essa trilogia tem a mistura da ficção em toda a obra e em momentos de dados reais, marcados pelas guerras internas e de fronteira. O espaço da narrativa ocorre na cidade de Santa Fé. Diante desse contexto de formação histórica, investigaremos como se constrói a figura de Ana Terra em meio às guerras ocorridas e as famílias rivais: os Amaral e os Terra Cambará.

O livro faz parte da segunda fase modernista, que é caracterizada pela riqueza em termos de produção romanesca, refletindo um conturbado momento histórico, no Brasil e no mundo. Em termos locais, no Brasil, em 1930, década da segunda geração modernista, é o ponto do processo revolucionário com o fim da República Velha, do domínio das velhas oligarquias ligadas do café e o início de um governo longo pelo presidente Getúlio Vargas. Nessa fase da literatura brasileira, também há questionamentos sobre a realidade com mais vigor, em uma produção de literatura mais construtiva e politizada, que se aproxima cada vez mais da realidade existente ao nosso redor, da vivência entre o eu e o mundo que nos rodeia.

Nossa análise se faz por um estudo analítico-descritivo da figura de Ana Terra na obra *O tempo e o Vento*, e, por isso, pesquisa é bibliográfica, sendo também indutiva, pois a ideia da investigação partiu da leitura da obra.

Nosso embasamento teórico será, Ribeiro (1996), Cunha (2001), Teles (1999), Saffioti (2004), Veríssimo (2004), Sauthier (2008), Coutinho (2004), Magalhães (2011) e Lucena (2003). Usaremos as discussões desses autores para vermos como as mulheres eram tratadas e vistas época do século XIX, e também sobre a construção da obra, sua composição, contexto e significados.

Nossos objetivos são analisar a figura feminina de Ana Terra, protagonista da obra *O tempo e o Vento* para que possamos compreender que mulher ela

representou na obra, qual o seu perfil como figura feminina no século XIX, o que ela passou na história da obra para se tornar uma mulher perseverante e forte.

“Como continuar uma vida depois de tudo que aconteceu? Mãe viúva, Como criar seu filho, sem nenhum trabalho fixo e sem ninguém para amparar?” “Qual o perfil de Ana Terra como figura feminina no século XIX?”. São questões como essas que iremos refletir no decorrer da nossa pesquisa.

A escolha da temática se deu através de nossa leitura da obra, com a qual do reconhecemos que a personagem tem escolhas difíceis de fazer para uma personagem contextualizada numa época em que ainda a mulher era vista como sujeita às ordens do homem.

CAPÍTULO 1: A MULHER NO SÉCULO XIX NO BRASIL

Neste capítulo iremos mostrar como a mulher era vista e tratada no século XIX, sondando um pouco dos séculos que o antecedem, mostrando os desafios das mulheres com seu lado sensível e, ao mesmo tempo, de luta pelos seus direitos e de tomada de iniciativa de escolhas sobre que posição desejam ser na sociedade.

Começando desde a época em que os colonizadores, no ano de 1500 do século XVI, chegaram ao Brasil, tínhamos nas novas terras a mulher indígena. Como diz Teles (1999, p. 17), a mulher indígena foi usada pelos colonizadores, “que se apropriaram assim de sua capacidade reprodutora”.

Desde a época dos colonos, as mulheres são tratadas como mercadorias, sem opção de escolha, tinham que aceitar as condições impostas, vistas apenas como um objeto sexual e reprodutor. Os homens brancos recém-chegados, aproveitando-se da imagem ingênua existente na índia, uma mulher que não conhece as pessoas que ali começaram a habitar, além de ver que as mulheres nessa época andavam despidas, esses homens se deixaram tomar por um sentimento violento de desejo.

Nessa mesma época, quando a sociedade começou a se constituir, as mulheres tinham que provar que eram férteis para conseguirem casamento. Em algumas situações, alguns pretendentes fugiam deixando a mulher grávida ou com o filho nos braços. Como afirma Alves (1994), “as mulheres acostumaram-se, sem problema algum, a criar seus filhos e os de seu marido com outras mulheres, tanto quanto os filhos de outros homens com outras mulheres”. Esses acontecimentos percorrem desde o século XVI até o XIX, essa atitude da mulher provava para os homens e para a sociedade que ela era uma boa esposa e mãe.

Para Alves (1994, p. 2):

Queriam “colocar a casa em ordem”, e logo perceberam que a forma de fazer isso era instituir o casamento à europeia. A partir daí, a igreja e o Estado passaram a remodelar o papel da mulher naquela sociedade, tentando convencer a população das vantagens do casamento.

Diante disso, os portugueses que aqui povoavam estabeleceram o casamento obrigatório no pensamento de que isso fosse o melhor para a mulher e colocando

regras do que era certo e errado para uma “mulher direita”. Isso comunga com o que diz Carvalho (*apud* Cunha 2001): “o casamento deveria ser apenas e tão somente um bom negócio”.

Nos séculos XVII e XVIII, a mulher era vista como um ser inferior, entendida como uma pessoa menos desenvolvida. A mulher exerceu vários papéis neste período, enquanto que no XVI ela era voltada para cuidar dos seus filhos e dos filhos dos outros.

Conforme Correia (2013), “o comportamento feminino ia mostrando características que incomodavam os conservadores, na verdade quase toda uma sociedade conservadora”. O trabalho realizado pelas mulheres na indústria não era bem visto, pois era preciso tomar cuidado para que seu trabalho não a fizesse se afastar de suas responsabilidades diárias de casa, como ser esposa e mãe, pois as mesmas passavam mais tempo no trabalho industrial do que em casa, afastando-a um pouco da sua responsabilidade de dona de casa. A sociedade machista tinha receio de que a mulher ensinada para ser mandada deixasse o papel de submissa para passar a ser mandante .

No século XIX, no trabalho exercido pela mulher existia uma incompatibilidade com o casamento, se a mulher ganhava seu próprio dinheiro para se sustentar, ela também poderia usufruir de algo que só era permitido ao home. Ela vivia assim, começando a ganhar uma vida independente, e isso trazia um pouco de medo ao homem, porque a mulher poderia muito bem não ter medo se suas ameaças e partir para uma vida nova, deixando-o sem a velha “escrava” que fazia tudo que ele quisesse.

A mulher era somente vista como o sexo frágil, secundária, inferior, a dona de casa, a mãe e nada mais. Ela só servia para afazeres domésticos, sua opinião, sua vontade não eram vistas nem expressadas nessa época, sendo que a submissão é uma forma brutal e isso impede que se possa viver a própria vontade com dignidade. Para Cunha (2001, p. 165):

Ainda que a capacidade intelectual da mulher apresentasse dimensões admiravelmente ilimitadas, muitas vezes essa capacidade só se fazia sentir de modo potencial, já que não possuindo nem a independência material nem a intelectual e uma coisa é consequência da outra-, era lhe negado avançar muito além dos muros de seus quintais para abarcar o mundo em seus aspectos múltiplos.

A vontade de se libertar e de se expressar, de ver o mundo de outra maneira não ultrapassava as paredes do muro de suas casas, para elas só era permitido mover-se nos pequenos espaços de seu lar. Seu sentimento é movido por uma responsabilidade de cuidar do bem comum familiar, assumindo o papel de mãe/esposa.

As mulheres eram vistas como objeto de prazer e os homens se aproveitavam de suas figuras inocentes e desprotegidas para realizarem desejos sexuais, abusando das mesmas, outros as procuravam para serem objetos reprodutores.

A mudança sobre isso se daria quando a mulher percebesse que poderia ter domínio sobre o próprio corpo, como afirma Teles (1999, p. 148):

Quando as mulheres podem conhecer e decidir sobre seu próprio corpo, passam a exigir os meios seguros para o controle da sua fertilidade e começam a separar as questões referentes à sexualidade daquelas concernentes a procriação. Inicia-se um processo importante de libertação, que inclui outras pessoas com as quais ela se relaciona.

Mas, nessa época, a mulher não tinha a opção de se conhecer, nem de decidir se queria ou não ter filhos, essa conquista veio depois de tantas mobilizações das mulheres, muitos protestos e o respectivo reconhecimento do seu espaço em meio a sociedade. Segundo Teles (1999), “a mulher não é apenas a metade da população e mãe de toda humanidade. É um ser social, criativo e inovador”, que passa a reconhecer essas características em si mesmas para sair das paredes do lar.

A sociedade, então, era dividida no padrão dos sexos, o masculino e o feminino. O masculino com superioridade e padrão de moralidade. O feminino era visto como o sexo da beleza e das habilidades aprendidas para cuidar de uma casa completa com marido e filhos. Homens e mulheres não teriam a mesma vocação e são as diferenças que trazem a felicidade de cada um. Sendo essa uma felicidade mais difícil para a mulher, sua felicidade era resumida, pois muitas tinham que se fechar em seu mundo de educação desenvolvida para serem ótimas esposas, sendo que suas vontades e desejos de conhecer o novo não importava a ninguém, o que ela deveria saber era como ser um pilar forte para sustentar a família nos recônditos domésticos.

O século XIX foi marcado, como um todo, tanto no campo econômico como no do capitalismo e no social, com a elevação da burguesia. Diz Montez (*apud* Cunha, 2001, p. 149): “pode-se falar na existência de um ideal burguês brasileiro, que no século XIX consistia numa forma se ser/estar no mundo peculiar, que abrangia e misturava diferentes padrões de comportamento”. Essas mudanças influenciaram toda a população, dando novos significados tanto no campo da família, no amor e felicidade, principalmente o papel da mulher no meio dessa sociedade. A família tem seus pilares sustentados pela maternidade e intimidade, e vai conquistando aos poucos papéis fundamentais para a classe burguesa, até se tornar seu núcleo principal.

Nessa sociedade, a perfeição do que é felicidade em família deu destaque a casa boa, filhos lindos e educados, uma esposa dedicada, uma família em que os homens são os superiores, enquanto as mulheres têm obrigação de manter o zelo pela casa para que ela fique cada vez mais acolhedora e aconchegante. Assim, a mulher foi ficando cada vez mais presa a sua casa, com seus afazeres, não tendo tempo para participar de alguma atividade externa, para manter a imagem da mulher dona de casa que não se afasta de suas obrigações em momento algum.

Castanheira (*apud* Cunha 2001) nos faz lembrar que: “o século XIX marcou-se pela doutrina ideológica e política do positivismo, que referenciava a Virgem Maria como modelo de pureza, santidade e castidade, remetidas as mulheres” Movidas por esse modelo, ou melhor, por uma sociedade que imputava esse modelo, isso fazia com elas tentassem mostrar para a sociedade serem mulheres, doces, puras e santas.

Diante disso, muitas mulheres não iam contra sua vontade, apenas para agradar a sociedade, elas queriam mais além daquilo, queriam ser livres, serem libertas daquela imagem de santidade, serem quem quisessem ser, a imagem que quisessem mostrar, seguindo sua vontade sem se importar com opinião de ninguém.

Podemos citar seis papéis atribuídos as mulheres: o primeiro é o da mulher esposa dos coronéis, que, segundo Magalhães (2011, p. 76), “têm como função a preservação da estrutura familiar burguesa, com o seu ideário a ser reproduzido para toda a sociedade”. Assim ela deveria viver dentro de casa, sem comunicação fora dela, via-se como uma forma de preservar a imagem de respeitada e que nenhum outro homem tivesse contato com ela, pois naquela época honra era lavada com sangue.

O segundo papel diz respeito às filhas abastadas, que, segundo Magalhães (2011, p. 78), “são treinadas para cumprir o papel de esposas e mães. Educadas, prendadas, mas com um único objetivo: o casamento”. Sendo preparada para esperar seu futuro marido, seus únicos ensinamentos eram aprender a cozinhar, costurar e saber ler e contar, mas nada de extravagante nos estudos.

O terceiro é a mulher vista como uma figura apagada, para Magalhães (2011, p. 78), “normalmente sem família, que na vida só servem como mão de obra, mas sofrem, talvez mais que todas as outras, a opressão da estrutura familiar patriarcal em toda a sua violência cotidiana”. São mulheres criadas por outras famílias que não são a sua verdadeira, que sofrem por terem um tratamento como empregadas, pois mulheres assim não têm o mesmo tratamento do que sendo a filha dos donos da casa e só servem para servirem a essa família. Para se livrarem desse tipo de humilhação, elas acabam optando pelo casamento como forma de viverem melhor e terem outro tipo de vida ao lado de um companheiro.

O quarto papel, para Magalhães (2011, p. 79), é atribuído da seguinte forma: “são as filhas de camponesas têm destino idêntico ao de suas mães, feito de sofrimento e trabalho ou, se forem bonitas, o de serem usadas pelos coronéis como objeto de prazer”. São duas opções que envolvem a questão de beleza: se fossem feias iam para o trabalho forçado e pesado, se fossem bonitas se tornavam objeto de prazer para seus coronéis.

Magalhães (2011, p. 79) detalha o quinto atributo dizendo que “as prostitutas são mulheres que garantem à honradez das famílias, sua harmonia, a castidade das filhas e esposas dos coronéis [...]. São odiadas e invejadas pelas mulheres decentes”. As mulheres que eram prostitutas serviam como meros objetos de prazer, se por acaso algum homem que estivesse comprometido com uma moça e esse tivesse vontade de ter relações sexuais, ali estava a prostituta para satisfazer esse prazer. Como alguns coronéis também tinham fantasias sexuais ou até mesmo enjoavam suas esposas, as suas mulheres que eram vistas como mulheres da alta sociedade, não poderiam fazer esse tipo de sexo tão instintivo, e as prostitutas serviam para isso, como se elas também não fossem mulheres sensíveis e que tinham sentimentos e vontades de constituir uma família.

Por último, Magalhães (2011, p. 80) diz que, são “as mulheres de boa família, que não conseguiram alcançar o único ideal reservado às meninas, o casamento, passam a viver sob estigma de solteironas, infelizes, nervosas”. Ora, se elas eram

criadas sobre a “lei do casamento”, quando elas não conseguiam alcançar seu ideal e viam suas amigas todas casadas, claro que isso daria uma revolta e as tornavam infelizes, fofoqueiras, pois ficavam se imaginando no lugar daquela outra mulher, cuidando do marido, da casa e dos filhos.

No século XIX a ficção literária escrita por homens mostra as mulheres que optavam em se relacionar com mais de um homem, por serem as heroínas da trama, elas eram punidas com a morte, enquanto que os homens simplesmente eram perdoados por dizerem que era do seu instinto natural, como diz Belline (*apud* LUCENA, 2003, p. 101):

A punição caracterizada pela morte das heroínas sexualmente transgressivas decorre da crença de que as mulheres são inerentemente puras, e portanto qualquer desvio é uma violação do seu íntimo. Daí o modelo duplo: homens são naturalmente promíscuos, portanto devem ser perdoados, enquanto a mulher que “cai” destrói seu interior, mesmo sendo encarada com simpatia por ser vítima. (BELLINE *apud* LUCENA, 2003, p. 101)

Nesses enredos escritos por homens, que Belline descreve, eles mesmos se defendiam e mostravam que somente eles podiam fazer o que quisessem, sendo uma escrita que aponta a cultura machista, mas essas heroínas são pacientes, não agem, resistem. Belline (*apud* LUCENA, 2003) acrescenta que “Exemplos desses fins punitivos seriam muito lidos em *O primo Basílio* e *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, além de *Lucíola* e *Iracema*, de Alencar”. Esses livros mencionados são muito importantes como projeção do pensamento voltado para um mulher que pode ceder às suas próprias vontades, como Iracema que desobedeceu à tribo para ficar com Martim ou como Luísa, que traiu o marido num rápido caso extraconjugal com o primo Basílio.

A mulher não tinha direito de frequentar escolas no início do século XIX, quando o ensino oferecido para as meninas era somente o de 1º grau, os níveis mais altos ficavam para os meninos. No lugar de uma boa escola e educação, só era lhe permitido a agulha, linha, a vassoura, o pano de chão, a cozinha, o cesto de roupas para ser lavado em um rio, os filhos para cuidarem, o marido para lhe impor tarefas e para serem submissas a ele, ou seja, o ensinamento de afazeres domésticos, nada mais que isso.

A conquista por melhor educação foi atingida no final do século XIX, não sendo uma tarefa fácil transferir o magistério masculino para o feminino. Segundo Confortin (*apud* LUCENA, 2003, p. 114), “Alguns autores dizem que isso aconteceu porque a sociedade começou a viver o processo de industrialização e urbanização que abriu um leque de possibilidades de trabalho bem mais amplo [...]”. Os homens foram para o trabalho mais pesado e as mulheres ocuparam seus lugares na sala de aula, já que para elas eram destinados apenas os afazeres de casa, já fazia parte de suas reivindicações saírem do seu lar e conquistarem novos horizontes.

Estudar a mulher no século XIX é um leque de surpresas, a cada descoberta vemos a luta das mulheres para conquistarem um espaço mais amplo na sociedade, tentando valorizar seu conhecimento intelectual e mostrar que elas sabem pensar e agir independente da situação, umas sim conseguiram o espaço de reconhecimento da sociedade, reconhecida como a mulher que luta por seus direitos, que deixou de ser submissa e servir de empregada para quem quer que seja, enquanto outras continuaram na submissão dos homens, mas mesmo assim estavam na luta por libertação e vieram quebrando várias barreiras para conseguir inserir-se na escola, no trabalho, na política, ultrapassando o lugar dos homens no mercado de trabalho e em várias funções.

No fim deste mesmo século, muitas mulheres abrem os olhos para lutarem por seus direitos e muitas se dividem entre os afazeres de casa e a participação como cidadã na vida social e direitos civis, vendo o que são seus direitos e obrigações, lutando para terem espaço e voz na sociedade, estavam cansadas de viverem trancafiadas dentro de casa, mostrando, muitas vezes, a imagem da mulher que não eram. Se revela um período de estudo rico da mulher brasileira, desde sua alfabetização, socialização, até sua cultura. Ela se apresenta um pouco mais fora da esfera domiciliar.

Tantos nomes, rostos e atitudes conhecidas ou não, que foram mostrando para este modelo de sociedade que resistia e reprimia a aceitação de suas transformações, essas tantas mulheres souberam dizer sim a tudo que existia de errado e que lhe afastavam da convivência com o resto do mundo, sua voz foi ganhando mais vez e mais força, conseguiram se libertar de casamentos que não lhe traziam felicidade com a aprovação do divórcio, conquistaram o mundo do trabalho, disseram sim a abolição, a sua inserção no âmbito escolar e tantas outras melhorias, encontrando formas variadas de ser e pensar. Até os dias de hoje elas

ainda continuam lutando, reivindicando, apesar de ainda ser chamada de sexo frágil, uma imagem vista por quem não sabe e não aprendeu a valorizar a mulher e que não aprendeu ainda que a mulher do século XXI não continua a mesma do século XIX, elas aprenderam que também são seres humanos e que precisam viver sua independência, e os muitos que as veem com essa imagem são aqueles que tem o pensamento de uma classe masculina e machista.

No século XXI, os papéis assumidos pela mulher se tornam ainda mais fortes, elas passam a serem donas de si mesmas sem submissão a nada, nem a ninguém.

Num mundo globalizado, ágil, com rapidez de informações e permanentes transformações, ela precisou romper com o papel que vinha desempenhando através dos séculos – o de ser somente procriadora – e passar a ter vontade, empreendimento e ação. (CONFORTIN *apud* LUCENA, 2003, p. 108.).

A mulher foi conseguindo deixar mais de lado o papel apenas de procriadora e passou a investir mais em sua carreira profissional e pessoal, vendo que tem uma vida própria para cuidar e que essa vida não estava somente dentro de um lar com marido e filhos.

O século XIX, portanto, é uma época de início de manifestações e protestos que, nos séculos seguintes, originam movimentos como o feminismo, além de discussões de gênero que a tornam capaz de conquistar mais espaço e de ser aquilo que verdadeiramente é, sem o jugo da sociedade lhe ditando regras machistas que diminuem seu papel social.

CAPÍTULO 2: O TEMPO E O VENTO: AS GERAÇÕES DE VIDA PERIGOSA NO CONTEXTO DO RIO GRANDE DO SUL

Para conseguirmos analisar a personagem Ana Terra, temos visto ser fundamental conhecer a obra *O tempo e o vento* em sua vertente contextual e política, para que no capítulo 3 possamos nos dedicar somente a análise da personagem e não de toda a obra. Por isso, esse capítulo é uma viagem na obra para contextualizar o romance do qual Ana Terra faz parte.

A obra *O tempo e o vento* além de contar a história de uma grande família, conta também o processo de formação de 200 anos do estado de Rio Grande do Sul, onde a ficção se mistura com a realidade. O tempo representa as sucessões das famílias fundadoras do estado do Rio Grande do Sul. O vento faz alusão ao clima característico da região e confirma o caráter passageiro do tempo. Assim como o vento passa rápido, o tempo também passa.

A obra se encaixa na década de 1930, que é a renovação do romance no Brasil, trazendo novas direções à prosa, mais conhecida como Romance de 30. Na prosa existiram duas tendências, uma com o Romance Regionalista, que buscava um enfoque documental, um retrato da sociedade nua e crua, o regionalismo e as denúncias dos problemas sociais, foco também em regiões do país como o norte, sul, nordeste. A segunda tendência é o Romance Intimista, que buscava uma análise psicológica das personagens, sua exploração da intimidade e suas inquietações, conflitos e angústias. Assim, a obra aqui estudada pertence a tendência Regionalista.

O autor do romance, Érico Veríssimo, nasceu na cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, em 1905. Mostrou seu interesse por literatura desde novo. O reconhecimento como autor foi em 1934, quando ganhou o prêmio Machado de Assis. Seu maior projeto literário foi a produção da trilogia *O tempo e o Vento*, dividido em seis tomos, O Continente I, O Continente II, O Arquipélago I, O Arquipélago II, O Retrato I e O Retrato II. O Continente é considerado a obra essencial para compreensão da história do Rio Grande do Sul.

Coutinho (2004) diz que, “foi com sua obra cíclica, *O Tempo e o Vento*, que o romancista empreendeu a conquista da gratuidade de acontecimentos maiores [...]”, pois registra como se organizavam as vilas no Rio grande do Sul política, social e economicamente.

Coutinho (2004) ainda afirma que “*O Tempo e o Vento* pode, no seu conjunto, revelar algumas das qualidades e defeitos dos homens do Sul”. Os homens gaúchos eram vistos como rudes, sem lei, aventureiros, contrabandistas, vagabundos e de querer mostrar sua resistência em campo. Com a obra, o Brasil e o próprio Estado do Rio Grande do Sul, passaram a ver seus homens como homens que lutam para defender suas fronteiras, suas terras a todo custo, derramando seu sangue e suor. E foi nas guerras que eles se mostraram homens corajosos para enfrentarem o inimigo, para defender o que era seu. A família dos Terra-Cambará mostra bem isso vivenciando as guerras. Sauthier (2008) diz que “Em *O Tempo e o Vento*, a perspectiva de contribuição do homem para a construção duma nova sociedade assume proporções insistentes e fundamentais.”

A obra retrata fatos históricos importantes, como os massacres realizados por tropas Portuguesas e espanholas em meados do século XVIII nos sete povos das missões, quando Pedro Missioneiro viu tudo e sobreviveu, além de mostrar o estilo de vida dos Jesuítas e dos índios nas missões. Mostra também conflitos entre gaúchos e castelhanos entre o fim do século XVIII e início do XIX, violentos massacres em busca da conquista de territórios no sul. São esses fatos históricos que se inserem na obra como pano de fundo da ficção.

Veríssimo realizou do corte sincrônico dos primeiros romances para o vasto painel diacrônico de *O Tempo e o Vento*. Neste ciclo o contraponto serve para apresentar o jogo das gerações: portugueses e castelhanos nos tempos coloniais: farrapos e imperiais durante as lutas separatistas: maragatos e florianistas sob a Revolta da Armada em 1823. A história de suas famílias, os Terra-cambará e os Amaral, atravessando dois séculos de vida perigosa, é o fio romanesco que une os episódios do ciclo e embasa as manifestações de orgulho, de ódio, de amor e de fidelidade; paixões que assumem uma dimensão transindividual e fundem-se na história maior da comunidade. (BOSI, 2006, p. 409).

O grande destaque na obra é a Revolução Farroupilha, que foi a mais longa guerra civil da história brasileira, que eclodiu no Rio Grande do Sul e durou dez anos (1835-1845), sendo principal objetivo pagar menos impostos, aumentar as taxas de importação da carne de charque, sebo e o couro. Uma revolução regional sobre o governo imperial. Muitos da zona urbana falavam que a mercadoria que vinha do campo chegava muito cara na cidade, assim os comerciantes não poderiam vender um pouco mais cara para ganhar sua porcentagem. Então Bento Gonçalves

resolveu apoiar essa parte da população que morava no campo, e do outro lado estava Luis Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), que foi quem, depois de três anos de batalhas, conseguiu entrar em um acordo.

Para Sauthier (2008, p. 19):

Erico Verissimo não se contenta em contar as ações e os pensamentos dos grupos e das pessoas. Ele passa para uma segunda atitude, que é a da problematização. O leitor não é um observador passivo; pelo contrário, ele se sente envolvido no questionamento sobre a realidade existente.

Ao ler a obra, o leitor imagina-se dentro da situação, vivenciando cena por cena, é como se o leitor fizesse parte desse enredo, sendo tocado pelos sentimentos que vão a flor da pele.

Segundo Sauthier (2008), Érico Veríssimo retrata bem a alma do gaúcho que afirma a sua liberdade: “índio velho sem governo” e que procura ser ele mesmo o princípio de suas leis: “minha lei é o coração”.

Esta liberdade de espaço armou grandes lutas conquistando territórios na formação do “Continente” do Rio Grande. A liberdade de mudança física e geográfica se manifesta de maneira flagrante e sempre relatada por Verissimo, na vinda de contingentes de diversas nações e no seu estabelecimento paulatino nos diversos lugares. (SAUTHIER, 2008, p. 29).

Como exemplo de sobrevivência dessas lutas temos Ana Terra, que, ao perder tudo quis de uma vez mudar de vida para esquecer o que lhe tinha acontecido.

Quando Ana Terra perdeu tudo em sua casa por causa dos Castelhanos, ela foi embora atrás de vida nova e conseguiu uma carona com um senhor que ia passando e que lhe contou que estava indo para um novo povoado que o Coronel Ricardo Amaral, tio-avô de sua esposa, estava construindo. Atrás de emprego e de um lugar para morar, Ana então ficou curiosa, pensou em começar a vida de novo e pediu para que seu Marciano Bezerra a levasse juntamente com seu filho, cunhada e sobrinha. Assim Ana foi embora, deixando as terras de seu pai para trás. Chegou ao povoado, conheceu o Coronel Ricardo Amaral, firmou-se naquele lugar, construiu sua casa simples de palha e ali começou sua nova vida.

No início da nova vida, ainda quando Pedro Terra, seu filho, era moço, o mesmo fez parte do batalhão de guerra do coronel Ricardo Amaral, ainda não existia

rivalidade entre as famílias, recém-chegados ao povoado tinham que ter amizade com o coronel.

Em uma das guerras contra os Castelhanos, o coronel morreu e no seu lugar ficou seu filho Chico Amaral, que começou a governar o crescente povoado, conseguindo mais lotes de terra, mandando construir uma capela. As pessoas que ali passavam somente para comprar gostavam do lugar e iam ficando, logo Santa Fé ficou conhecida.

O dia em que o certo Capitão Rodrigo Cambará chega ao povoado de Santa Fé, toda a gente achou estranha a maneira como aquele desconhecido chegou. Capitão Rodrigo, símbolo máximo do homem gaúcho, com um caráter muito romântico, é um homem decidido, tempestuoso e dotado de emoções, características essas que são admiradas por todas as personagens femininas da obra. É visto também como personagem de caráter heroico.

Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. (Veríssimo, 2004, p.142)

E quem se arriscava a decifrar a identidade daquele desconhecido, com características diferentes de todos os homens do povoado. Diante disso, levantou-se um caboclo querendo puxar a briga, mas o capitão estava cansado de pelear, isso foi uma maneira de falar. O caboclo, meio que escabreado, guardou a arma e os dois apertaram as mãos, caboclo esse que era Juvenal Terra, filho de Pedro Terra, neto de Ana Terra. Daí nasceu uma amizade, mas o violão a tira colo do capitão ainda gerava desconfiança. Mostra a união dos dois grandes sobrenomes Terra e Cambará que marcaram, na obra, a formação do estado do Rio Grande do Sul: os Terras e os Cambarás.

No povoado existia uma das moças mais bonitas de lá, a neta de Ana Terra, Bibiana Terra, onde o neto do coronel Amaral já havia se declarado para a moça,

mas ela não sentia nada por ele. Seu pai Pedro era quem ficava ainda na sua, como afirma a obra:

Ele não morria de amores pelos Amarais. Tinha até queixas do velho Ricardo, que lhe tirara as terras e se recusara a ajuda-lo quando o trigo fora águas abaixo. Além disso, achava os Amarais prepotentes, vaidosos, gananciosos, e também sabia que Ricardo não fazia muito gosto no casamento do filho com Bibiana, pois queria que o rapaz casasse com alguma moça rica de Rio Grande ou Porto Alegre. Por todas essas coisas Pedro Terra não insistia com a filha para que aceitasse Bento Amaral. (VERÍSSIMO, 2004, p.153).

Surge o início da rivalidade entre as famílias que vai ganhando forças. Pedro Terra já não gosta de Ricardo por questões de trabalho e de saber que ele não fazia gosto do casamento do filho com Bibiana, isso porque a moça é de uma família pobre, não tem fortuna que nem outras. Nessa época os casamentos tinham por maior finalidade que os pais dos noivos lucrassem com alguma coisa, ficavam de olho se a família tinha bastante condição financeira para que fizessem um bom casamento.

Todos falavam ao Capitão sobre Chico Amaral, a família Amaral era quem comandava tudo naquela região. E Rodrigo já estava sabendo que Chico não gostou de ouvir falar de sua pessoa. O capitão já queria enfrentar a fera.

Érico Veríssimo em sua escrita estabelece palavra por palavra, sabendo colocá-la de forma representativa em diversas partes da obra, um exemplo é o da palavra “MAS” como diz Sauthier (2008),

Não é por nada que EV diante deste “nada”, que representa tudo o que poderia entrar uma caminhada, apõe um MAS, “mas teimando em viver”. “Mas” quer dizer o posicionamento da pessoa como tal. Da liberdade em seu mais alto grau de purificação. Liberdade na sua máxima dimensão e na sua mínima dependência. (SAUTHIER, 2008, p. 58).

Esse “mas” representa a liberdade de querer viver algo novo, por mais difícil que seja. Colocar frases certas na hora certa e que representam a situação que o personagem está vivendo naquele momento.

CAPÍTULO 3: ANA TERRA DESAFIANDO PARADGIMAS

Nossa pesquisa partirá do método descritivo-analítico, onde iremos analisar a figura feminina de Ana Terra o seu desafio em ser mulher no século XIX. Diante disso podemos nos perguntar: Qual o perfil de Ana Terra como figura feminina no século XIX? Tentaremos responder esta pergunta no delinear desta análise, mostrando tudo que se passou em sua vida, todos os desafios que foram enfrentados pela personagem na obra.

Diante do que foi dito no primeiro capítulo sobre a mulher no século XIX, percebeu-se a luta da mulher em busca de um espaço melhor na sociedade, sendo vista como mulher frágil, submissa e etc., são considerações que devemos lembrar ao analisarmos uma personagem como Ana Terra.

Ana Terra, moça pobre e simples de apenas 25 anos de idade, sonhava em um dia casar, tinha uma vida humilde ao lado dos pais, Maneco e Arminda, e seus irmãos Antônio e Horácio, em um rancho distante da cidade. Sem relógio ou calendário, contava os meses pelas fases da lua. Sentia-se triste por não ver ninguém andar em sua casa, então se refugiava no trabalho de casa que era seu único passatempo. Vivia em um código familiar patriarcal, direcionada a toda a família sem sair nenhum instante de perto deles. Para Magalhães:

Toda a educação feminina é direcionada para suportar a perda e o sofrimento, pois para o sucesso da ideologia patriarcal é fundamental manter não apenas a submissão de gênero, mas também a submissão no trabalho, fazendo com que se chegue ao terceiro milênio cantando a feminização do trabalho como uma conquista. [...]. (MAGALHÃES, 2011, p. 53).

Ana tinha a submissão mantida por seu pai e seus irmãos, maioria masculina em sua casa. De mulheres só ela e sua mãe, as quais tinham que suportar o rancor do velho Maneco Terra. Como afirma Magalhães (2011), a mulher se sente responsável pelo bem comum familiar, cabendo à mãe/esposa o papel de zelar pelo coletivo.

Sua mãe lamentava por medo de que Ana nunca fosse arranjar casamento, Veríssimo (2004, p. 74) “que ia ser de Ana uma moça metida naquele cafundó. Como que ia arranjar marido”.

Em um simples dia que Ana desce para sanga, para lavar roupas, se depara com um corpo desmaiado à beira do rio, mal sabia ela que esse corpo era o de Pedro Missioneiro, que se tornaria seu grande amor.

Tinha ele uma cara moça e trigueira, de maçãs muito salientes. Era uma face lisa, sem um único fio de barba, e dum bonito que chamava a atenção por não ser comum, que chocava por ser tão diferente das caras de homem que se viam naquelas redondezas. [...] Os cabelos, lisos e negros, desciam-lhe quase até os ombros, e o que impedia que ele parecesse efeminado era a violenta masculinidade de seus traços. (VERÍSSIMO, 2004, p. 74.).

Ana nunca tinha visto um homem tão novo por sua casa e com todas essas características que o tornavam diferente, ela sentia vergonha em ver aquela figura, ficava inquieta e já estava querendo o mal para aquele desconhecido.

Começou, por conseguinte, a sentir fortes sentimentos de ódio por Pedro.

Não tinha coragem para encará-lo de frente. Quando o via, sentia uma coisa que não podia explicar: um mal-estar sem nome, mistura de acanhamento, nojo e fascinação. Chegou à conclusão de que odiava aquele homem, que sua presença lhe era tão desagradável como a de uma cobra. Desde aquele momento passou a ter um desejo esquisito de judiar dele, fazer-lhe todo o mal possível. (VERÍSSIMO, 2004, p. 79).

Por ser uma moça que não via muitos homens, Ana ficou admirada com aquele rapaz forte, robusto e bonito. Esses sentimentos de ódio na verdade já eram de amor, ela só não queria assumir, ou, melhor ainda, talvez nem os reconhecesse de início, pois a falta de convívio com homens que não fosse de sua família com certeza gerou a mistura de sentimentos na personagem.

No fim de contas, que era mesmo que ela sentia por Pedro? Amor? Nojo? Ódio? Pena? Às vezes se surpreendia a querer que ele morresse de repente, ou então que fosse embora, deixando-a em paz. Talvez fosse melhor que aquilo não tivesse acontecido... Ou melhor, que Pedro nunca tivesse aparecido na estância. (VERÍSSIMO, 2004, p. 91).

Desde seus quinze anos ela começou a sentir fortes sentimentos, pensamentos de como seria se fosse abraçada, beijada e tocada por um homem,

sentimentos impróprios para uma moça pensar e que só deviam ficar guardados para si, jamais revelados nem em confissão, nem mesmo para sua mãe.

Seus pensamentos, percebemos, eram “atrevidos” em vista do que era estipulado para ela, que enfrentava, em silêncio, todo costume “certo” que existia naquela época. E agora com seus vinte e cinco anos, com a presença de Pedro em sua casa, esses pensamentos “insanos” tomavam de conta, pensava nos lábios de Pedro ao tocarem seu corpo em um banho no rio e ao mesmo tempo sentia vergonha de si mesma e lembrava que tinha nojo do índio.

É importante vermos que essa vergonha de si mesma é resultado dessa cultura machista representada pelas figuras masculinas da casa de Ana, fazendo com que ela se visse como que sem a pureza reservada para as boas moças de família.

Depois de alguns dias sem parar de pensar em Pedro, ela se entrega a ele, passam a ter uma espécie de relacionamento informal, escondido, e, como consequência, engravida. Diz Veríssimo (2004, p. 91), “Ana conhecia casos de pais que matavam as filhas ao sabê-las desonradas. Honra se lava com sangue”. A personagem, sabendo do que são capazes seus irmãos e seu pai, resolve fugir com Pedro, mas esse se nega, revelando-lhe que tinha visto dois homens enterrarem seu corpo embaixo de uma árvore, é aí que Ana se angustia mais ainda, pois o pai de seu filho previa uma morte próxima.

A partir disso, vemos três aspectos que as mulheres não podiam ter nessa época: sexo fora do casamento, gravidez ainda solteira, e um pretendente que não era possuidor de bens. Tais aspectos faziam com que Ana não tivesse o direito de se apaixonar e viver com liberdade uma união com Pedro. São estes desafios enfrentados por Ana com a pouca ajuda de sua mãe, pois essa, também por ser mulher, era submissa a seu marido ao ponto de não conseguir apoiar a filha. Ela sentia medo do que seu pai poderia fazer com Ana, grávida de um estrangeiro, que não tinha o que oferecer de riqueza a Ana. Fugir seria a melhor opção.

Aconteceu o que Pedro dissera a sua amante, os irmãos dela o levaram para longe e lá o mataram e enterraram. Ana sentia um ódio por seus irmãos porque mataram o amor de sua vida, o pai de seu filho, ela sentiu vontade de se matar com o punhal que Pedro tinha lhe dado e livrar-se da dor horrível da perda. Mas não teve coragem, lembrou-se do ser pequeno que estava crescendo em seu ventre, filho dela e de Pedro.

Ana mostra-se diante de sua mãe uma mulher forte mesmo sentindo sua dor com a perda de seu amado, querendo tomar um rumo na vida, ir embora e criar seu filho sozinha, trabalhar para sustentá-lo. Mas não era a hora de viver sozinha com seu filho, sua mãe pede para que ela não vá, sabia que para seu pai sua imagem como filha estava morta e que agora com a repulsa do pai sua vida seria um inferno dentro de sua casa. Mesmo diante do desprezo de seu pai ela continua em sua casa, enfrentando o mau jeito de seu pai.

Sua barriga vai crescendo e “o filho começou a mexer-se em suas entranhas e ela passou a brincar com uma ideia que dali por diante lhe daria a coragem necessária para enfrentar os momentos duros que estavam para vir” (VERÍSSIMO, 2004,p. 96). Parecia uma premonição, grandes momentos estavam por vir e mal sabia ela que esses momentos teria que enfrentar ao lado de seu filho. Seu filho lhe dá forças para seguir a vida, para querer viver e ver tudo o que ainda estaria por vir.

O filho de Ana Terra nasce e ela lhe deu o nome do pai, Pedro. Com isso, nasceu também o rancor de seu pai para com ela, ele não olhava mais nos olhos da filha, nem seus irmãos também sequer olhavam para ela, com vergonha do que tinha feito. A personagem passou a simbolizar a vergonha da família por ter cedido às suas vontades e infringido as regras patriarcais imputadas a ela enquanto mulher. A única que continuava do seu lado era sua mãe. Mas não era para sempre, sua mãe morre e ela passa a viver em uma casa onde nem seu pai e nem seus irmãos lhe dirigem.

Com tal desprezo, vemos que Ana, como não recebeu apoio da família, estava inteiramente sozinha com o filho diante de tanto preconceito. Com seu filho ela tem forças para continuar na casa, com o pensamento de que tudo de bom ia acontecer, pois ela não queria que Pedro vivesse o mesmo que ela viveu, confinado dentro daquele rancho.

Horácio, seu irmão, viaja para Rio Pardo e Antônio, seu outro irmão, se casa com a filha de um fazendeiro e a traz para morar em sua casa. Eles têm uma filha e a família passa a viver um pouco melhor. O velho Maneco Terra concretiza seu sonho de plantar trigo. É a partir desses momentos que ele se aproxima da filha e do neto.

Quando se pensa que tudo está realmente em paz, surge a notícia de que os castelhanos se aproximam daquelas redondezas e a aflição toma de conta da família. Passam-se alguns dias e todos acham que os castelhanos tomaram outro

rumo. Ana estava com sua cunhada fazendo pão quando seu irmão, Antônio, vem correndo, trazendo a má notícia de que os castelhanos estão avançando em direção a sua casa. Seu pai pede para que as mulheres e as crianças vão se esconder dentro do mato. Ana corre e orienta Pedro para que leve Eulália e a filha e se esconda juntamente com elas na caverna, dentro do matagal.

Ana Terra, por ter um gênio forte e ser uma mulher corajosa, volta para junto de seu pai e seu irmão, para ajudar a lutar contra os castelhanos alegando: como diz “Se eu me escondo eles nos procuram no mato, porque logo vão ver pelas roupas do baú que tem mulher em casa. Se eu fico, eles pensam que sou a única e assim a Eulália e as crianças se salvam” (VERÍSSIMO, 2004, p. 104), sabendo ela o que pode lhe acontecer, ela tem a coragem de continuar ali e arriscar até sua vida para lutar por sua família e salvar sua cunhada, sobrinha e principalmente seu filho.

É possível perceber que mesmo diante de toda a história de desprezo que seu pai e seus irmãos construíram contra Ana, ela se mostrou solidária, revelando através de suas ações o amor pela família, honrando-a com a coragem e vontade de lutar.

Os castelhanos chegam, Antônio sai para ver o que querem e acaba morrendo, Maneco e os dois escravos dentro de casa começam a abrir fogo, enquanto Ana está escondida atrás da mesa a rezar, que é o que pode fazer. De repente,

[...] ela viu, mais com os ouvidos que com os olhos, que a parede da frente vinha abaixo. Um dos bandidos entrava no rancho a cavalo, distribuindo golpes de espada a torto e a direito. Ana sentiu tão perto o resfolgar do animal que escondeu a cabeça nas mãos e esperou agoniada que patas lhe esmagassem o crânio ou que espadas lhe varassem o corpo. A gritaria continuava. Mãos fortes agarraram Ana Terra no ar e puseram-na de pé. A mulher abriu os olhos: cresceram para ela faces tostadas, barbudas, lavadas em suor. (VERÍSSIMO, 2004, p. 104).

Mais difícil do que a morte era o que ia acontecer com Ana Terra, aqueles homens a encontraram, apertavam seus seios e seus braços perguntando pelo dinheiro da família, mas ela, como estava desnorteada, mal entendia o que os castelhanos lhe perguntavam.

O pior lhe acontece e esse momento triste de abuso e violência é descrito de forma a entendermos um momento brutal que marcaria a personagem para o resto da vida:

Braços enlaçaram-lhe a cintura, e Ana sentiu contra as costas, as nádegas, as coxas, o corpo duro dum homem; e lábios úmidos e mornos se lhe colaram na nuca, desceram em beijos chupados pelo cogote, ao mesmo tempo que mãos lhe rasgavam o vestido. La plata... la plata... E Ana começou a andar à roda, de braço em braço, de homem em homem, de boca em boca. [...]. Tombaram-na, e mãos fortes que lhe faziam pressão nos ombros, nos pulsos, nos quadris e nos joelhos imobilizaram-na contra o solo. Ana começou a mover a cabeça dum lado para outro, com uma força e uma rapidez que a deixavam ainda mais estonteada. [...]. Ana sentiu que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua. Um homem caiu sobre ela. Num relâmpago Ana pensou em Pedro, um rechinar de cigarra atravessou-lhe a mente e entrou-lhe, agudo e sólido, pelas entranhas. Ela soltou um grito, fez um esforço para se erguer, mas não conseguiu. O homem resfolegava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que lhe cuspiam nas faces, procurando ao mesmo tempo mordê-lo. (Por que Deus não me mata?) Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Por fim perdeu os sentidos. (VERÍSSIMO, 2004, p.105).

Um dos seus maiores desafios foi esse abuso sexual. Tendência que Safiotti (2004) chama de patriarcado, a dominação-exploração das mulheres pelos homens. No caso de Ana, ao verem-na desprotegida, com pai e irmãos mortos, os castelhanos puderam se aproveitar da insegurança da jovem mãe que, apesar do ocorrido, se mantém firme pela sobrevivência pelo filho.

Depois de voltar aos seus sentidos, meio tonta ainda, lembrou de tudo que tinha acontecido e lhe veio a sensação de nojo, desejava estar morta, ainda lhe tinha o cheiro daqueles homens nojentos. Tudo ao seu redor estava destruído, deu de cara com os corpos de seu pai, seu irmão e dos escravos.

Para reforçar, Teles (1999, p. 131) diz que “a questão da violência contra a mulher era tratada como um fenômeno de caráter meramente econômico. Transformada a sociedade brasileira, as desigualdades econômicas e sociais seriam eliminadas e tais problemas se equacionariam. Até lá, a mulher deveria ficar calada”.

Foi o que aconteceu a Ana, pois não tinha a quem recorrer, em vez de ser defendida, tentava defender o filho. Até porque se contasse alguém o acontecido, seria vista como uma pessoa suja, sem nenhum caráter. Então, a melhor opção era ficar calada, guardar para si mesma o nojo que estava sentindo e seguir a vida adiante sem olhar para trás.

Ali estava Ana de pé, depois de toda violência que lhe tinha acontecido, sua humanidade levada ao extremo, suportando tudo. Essa personagem tem uma história que ilustra bem o que Magalhães (2011, p. 52) vem nos dizer: “toda a educação feminina é direcionada para suportar a perda e sofrimento”. Ela tem uma força movida pelo vento que a segue a todo instante de sua vida, seja ele bom ou ruim: “sempre que me acontece alguma coisa importante está ventando” (VERÍSSIMO, 2004) costumava dizer Ana Terra, evidenciando que o passar do tempo e do vento reconstruiria uma história diferente para sua vida e de seu filho. A natureza está presente na personagem, o vento mostra uma trajetória em sua vida.

Ana não sabia para onde ir, ir para Rio Pardo onde morava seu irmão Horácio? Não, ele sentiria vergonha dela. Tinha que procurar outro sítio, pensou também no que comer, ao seu redor tudo estava destruído. Mas lembrou que seu pai tinha enterrado um baú de ouro. Esperta, Ana o encontrou e teve uma esperança de poder procurar outro lugar para viver. Para sua sorte também avistou uma das vacas que conseguiu sobreviver, daí pôde tirar o leite e dar para as crianças e para sua cunhada. Com sensatez e coragem, ela conseguiu pouco a pouco sobreviver junto aos que restaram de sua família, retribuindo com amor e cuidado o que o pai e o irmãos fizeram com ela no passado, já que cuidava também da cunhada e da sobrinha.

Observamos também, na trajetória de Ana, três objetos que a acompanham desde criança e que os castelhanos deixaram intactos, que eram a roca, o crucifixo e a tesoura, objeto importante para a geração de famílias que surgiram a partir dela. A roca era usada pela mãe para fiar, o crucifixo para rezar diante dele e pedir as bênçãos a Deus e durante a invasão ele (o crucifixo) estava ali diante dela; e a tesoura que a mãe usou para cortar o cordão umbilical de Pedro e o de Rosinha, filha de Eulália.

Mais na frente veremos que a tesoura se tornará uma parte essencial de sua nova vida em sua mudança para o povoado de Santa Fé.

Ana Terra sentia uma esperança dentro de si, que tudo isso ia passar e que eles iam encontrar um lugar melhor para viver.

Ana sentia-se animada, com vontade de viver. Sabia que, por piores que fossem as coisas que estavam por vir, não podiam ser tão horríveis como as que já tinha sofrido. Esse pensamento dava-lhe uma grande coragem. E ali deitada no chão, a olhar para as estrelas, ela se sentia agora tomada por uma resignação que chegava quase

a ser indiferença. Tinha dentro de si uma espécie de vazio: sabia que nunca mais teria vontade de rir nem de chorar. Queria viver, isso queria, e em grande parte por causa de Pedrinho, que afinal de contas não tinha pedido a ninguém para vir ao mundo. Mas queria viver também de raiva, de birra. A sorte andava sempre virada contra ela. Pois Ana estava agora decidida a contrariar o destino (VERÍSSIMO, 2004, p. 108).

Ainda sentia medo do que estava por vir, mas fosse qualquer coisa nada seria pior do que já lhe havia acontecido. Poderia ela lutar contra a própria sorte? Não só podia, mas devia. Estava ali sem nada, sem amigos, sem os pais, teimando em viver, sim porque ela era teimosa puxava ao gênio do pai, gênio rude onde só quem herda é um verdadeiro Terra.

Surge no horizonte a esperança da vida nova, se aproxima dela três carretas conduzidas por Marciano Bezerra, que diz estar indo para um novo povoado que o coronel Ricardo Amaral vai fundar, Ana vê aí uma nova vida que se aproxima. Tinha dinheiro suficiente, o que ela encontrou no chão de sua casa, para pagar a viagem e ainda comprar um pedaço de terra para se situar no povoado, “E assim Ana Terra viu ir ficando para trás a estância do pai” (VERÍSSIMO, 2004, p. 111).

Depois da esperança de nova vida finalmente estar tomando forma e se concretizando, ela “Não queria mais morrer. Viver era bom: ela desejava viver, para ver o filho crescer, para conhecer os filhos de seu filho e, se Deus ajudasse, talvez os netos de Pedrinho”. (VERÍSSIMO, 2004, p. 112). A vontade de viver surge dentro de Ana Terra, ela sentia que nesse novo povoado a vida seria diferente, mas sua maior preocupação é seu filho, agora queria ver o filho crescer, casar e ter filhos para ela conhecer. Ana vê no filho dias melhores, um futuro bonito diferente de seu passado. Daí vemos sua força, suas batalhas vencidas, sua capacidade de se reinventar diante de problemas e situações tão profundas na vida de uma mulher no século XIX. Em vez de se sentir desamparada, ela escreve sua própria história, protagonizando sua linhagem, já que era mãe solteira. Na nova vida, “Naqueles dias, ajudados por vizinhos, Ana Terra, Eulália e Pedro construíram o rancho onde iam morar. Tinha paredes de taipa e era coberto de capim” (VERÍSSIMO, 2004, p. 116).

Ana Terra tornou-se parteira do povoado, a velha tesoura de sua mãe teve serventia, ela ganhou fama de “boa mão” não só em Santa Fé, mas em outros povoados ao redor. Seu primeiro parto feito foi de uma menina e, ao ver, Ana disse: “que Deus tenha piedade dela”, disse isso porque sabia como é a vida de uma

mulher naquele século, vista como frágil e que só servia para os afazeres de casa e para viver para o marido e a família.

A personagem mostra-se, a cada detalhe da obra, ser uma guerreira, mesmo quando passou por outro apanheio em sua vida:

Ana procurava sempre esquecer os dias de medo e aflição, principalmente aquele — o pior de todos! — em que, chegando à casa uma tarde, vira, horrorizada, um índio coroadado aproximar-se, na ponta dos pés, da cama onde seu filho dormia a sesta. Quase sem pensar no que fazia, apanhou o mosquete carregado que estava a um canto, ergueu-o à altura do rosto, apontou-o na direção do índio e atirou. O coroadado caiu com um gemido sobre Pedro, que despertou alarmado, desvencilhou-se daquela “coisa” que estava em cima de seu peito e saltou para fora da cama já com o punhal na mão e todo banhado no sangue do bugre. (VERÍSSIMO, 2004, p. 117).

Uma mulher decidida que faz tudo para salvar seu filho, sem temer nada, não chega nem a pensar direito e logo age para protegê-lo. Mas ficou chocada com o que fez, ela, que traz tanta gente ao mundo tinha acabado de matar um homem, “Mas, como o tempo é remédio que cura tudo, aos poucos foi esquecendo aquilo ” (VERÍSSIMO, 2004, p. 117). O tempo a acompanha e a ajuda a esquecer o que te acontece de ruim, pois o tempo é um reconstrutor da fé e da esperança de Ana.

Anúncios de guerra chegam a Santa Fé e Ana logo se preocupa, porque sabe que seu filho será chamado e como tem, sobre o menino, grande proteção, corre para a casa de Ricardo Amaral e com a firmeza de fala de um homem no corpo de mulher: “Ana olhava, bisonha, para Ricardo Amaral. — Então? — perguntou este último. — Que novidade há? Ana responde:— Não vê que eu vim fazer um pedido a vossa mercê...” (VERÍSSIMO, 2004, p. 119). Mas não teve acordo com o velho, ela não tinha criado o filho para morrer na guerra. Pedro era jovem, tinha só vinte anos, essa imaturidade fazia com que Ana tivesse mais medo que ele morresse, para ela quem ficou para lutar em guerras eram os homens mais experientes.

Para Magalhães (2011) “a mulher tem como incumbência preparar o contato dessa futura força de trabalho (os filhos) com a realidade social.” Ana preparou seu filho para partir para a guerra, o beijou, abraçou, o apertou sobre seu peito. Veríssimo (2004), “Foi só então que Ana Terra percebeu que estava ventando.” A presença do vento no cotidiano de Ana, ela teve que cessar toda sua preocupação e mostrar para o filho que ele era capaz de ir para a guerra e vencer, por mais que fosse difícil para ela, mas por ser uma mulher forte, tudo suporta.

Pedro retornou da guerra e com o passar de uns anos quando tudo parecia estar calmo para os Terra, surgiu a notícia de outra guerra e novamente Ana se viu com o coração apertado, pois Pedro tinha que ir. Seu filho sabendo como é a figura da mãe disse a ela: - mãe toma conta de tudo. Pedro sempre viu a força que sua mãe possuía e o quanto ela era responsável com a família.

Veríssimo (2004), “Ana Terra estava de tal maneira habituada ao vento que até parecia entender o que ele dizia. E nas noites de ventania ela pensava principalmente em sepulturas e naqueles que tinham ido para o outro mundo.” E dizia que “noite de vento, noite dos mortos”. Aquele vento frio lhe trazia recordações de sua vida passada, dos familiares que já tinham morrido. Para ela, o vento se tornou uma propriedade quase misteriosa do tempo para anunciar algum acontecimento marcante, uma força impulsora que conduz e transforma a trajetória humana. Com o vento, vão-se as coisas passadas, se limpa o terreno e prepara-se o caminho para um novo futuro.

Pedro conhecia a teimosia de sua mãe, em um dia de sepultamento, por mais quente que estava o dia, Ana insistiu para ir, Veríssimo (2004): “Ana Terra fizera questão de ir ao cemitério, apesar do mormaço, e Pedro, que conhecia a teimosia da mãe, sabia que era inútil contrariá-la.” E ali retomou a lembrança de que há anos havia enterrado o pai e os irmãos no alto de uma coxilha, ela mesmo tinha enterrado. E naquele momento falou que queria ser enterrada ali debaixo de um cedro.

Ana Terra continuava sendo humilde até na hora de encomendar seu velório. “Não quero que ninguém chore — continuava a velha. — Não é preciso costurarem nenhuma mortalha para mim. Qualquer vestido serve” (VERÍSSIMO, 2004, p. 152).

Ela fez uma promessa ao filho “Prometo nunca mais voltar depois de morta para trabalhar na roca, como a minha mãe fazia” (VERÍSSIMO, 2004, p. 152). Sua mãe depois de morta vinha fiar na velha roca todas as noites, a sua submissão e sina de vida a acompanhou até depois da morte, mas com Ana seria diferente, se ela foi livre durante o tempo de vida, não seria depois de morta que iria se ver presa a velha roca, a velha família de costumes machistas, já tinha feito o bastante em vida e agora só queria descansar em paz.

O filho não sabia o que tinha acontecido com a mãe anos atrás e não entendia porque que a mãe não gostava do cheiro de homens e que já tinha rejeitado vários casamentos.

Pedro nunca pudera descobrir a razão por que a mãe tinha tanta malquerença pelos homens em geral. Às vezes fugia deles como o diabo da cruz. Era com frequência que falava, com má vontade e repugnância, em “cheiro de homem”. Não gostava que Pedro fumasse perto dela; dizia que isso era falta de respeito, mas o filho sabia que havia uma razão mais poderosa: sarro de cigarro era “cheiro de homem”. (VERÍSSIMO, 2004, p. 154).

Há muitos anos, quando Pedro era criança, vimos no início do capítulo, a violência sexual que Ana sofreu, e ela jamais quis falar a ninguém sobre o assunto, isso a envergonhava.

Na sua morte o tempo não lhe acompanhou, ninguém sabia data exata de sua morte, nem queriam lembrar-se de tal tristeza. Talvez não tivesse data para que as pessoas jamais esquecessem a figura de Ana Terra, para terem sua imagem de mulher batalhadora, que chegou como estranha naquele povoado e se firmou com sua família, construiu um nome diante daquelas pessoas, tornando-se uma mulher sábia e a melhor parteira de Santa Fé.

Ana Terra tem uma força que transcende as páginas do romance, adquiriu a condição de uma mulher símbolo, forte e determinada, que passou a integrar o passado histórico do Rio Grande do Sul. Ana Terra é sem sombra de dúvida a figura de mulher que se sobressai na obra

Com Ana Terra o Rio Grande sai do mito e entra na História. Sai do mito, aqui entendido, numa visão de mundo repetitivo, sacral, rotineiro e guiado pelo destino. Entra na História, no sentido de que a pessoa humana quebra o “eterno retorno”, desfaz as cadeias que a prendem ao que “sempre foi”, e começa a criar um mundo a partir de suas convicções, seus planos, sua criatividade. (SAUTHIER, 2008, p. 57).

Sua vontade de viver em novos lugares está presente na obra, mas não pode realizar o sonho de ir morar em Sorocaba, perdeu sua família e acabou indo morar em um povoado, mas viveu muito feliz lá, pois seu maior amor estava do seu lado, que era seu filho.

Sgarbieri (*apud* Lucena, 2003) vem dizer que: “À mulher jovem e solteira era concedido trabalhar, como forma de dar continuidade à sua família, porém, ao se casar e ter filhos teria de dedicar-se exclusivamente aos afazeres domésticos”. Por essa razão, Ana escolheu ficar solteira, somente ter obrigação de cuidar do seu filho, pois sabia que o casamento só lhe traria os afazeres domésticos. Tinha por exemplo

sua mãe, que era submissa ao seu pai, além disso com certeza ela carrega traumas depois da violência sexual que os castelhanos tinham feito com ela. Então, a melhor opção era ficar solteira, contrapondo tudo que era certo na época, quando as mulheres tinham que casar para construir uma família, Ana mostrou que para construir uma bela família não era obrigado casar-se.

Ana Terra modificou a imagem da mulher que não conseguira alcançar o objetivo do casamento, mulheres que não se casam, diz (Magalhães, 2011, p. 80), “passam a viver sob a estigma de solteironas, infelizes, nervosas, bisbilhoteiras, carolas”. Ela era sim uma mulher feliz que não precisava se preocupar com vida de ninguém.

Ana Terra, mulher de força inabalável, ansiosa por continuar respirando e que, mesmo oprimida e aprisionada pelo machismo e patriarcalismo de sua geração não se deixa afetar pelas tribulações e tragédias, antes continua de sol a sol, carregando o seu fardo sob o movimento repentino do tempo e o vento. Ela tinha um destino muito difícil, enfrentando coisas que jamais se imagina ser enfrentado por uma mulher, mais forte foi sua força para vencer esse destino e se mostrar uma mulher de garra.

Com Ana terra, traça-se o perfil de que para uma mulher ser feliz não é obrigado que ela se case, que ela seja submissa a um homem, que seja a mulher perfeita para ser vista pela sociedade como a esposa, mulher e mãe perfeita. Ela podia viver normalmente sem tudo isso, por mais que Ana tivesse o sonho de se casar, ela mudou de ideia por ter ficado com nojo de homem depois de ter sido violentada brutalmente. Poderia ter vivido feliz casada, mas que fosse com Pedro, o primeiro homem que ela sentiu amor e que se entregou de corpo e alma gerando seu maior bem, seu filho. Poderia ter formado uma bela família e com eles viver longe daquele cafundó, mas o destino não quis assim lhe reservou uma vida independente com maturidade de enfrentar todo tipo de problema que surgisse tanto na sua vida com na vida de seu filho, até mesmo problemas de sua cunhada. Com todo seu esforço de vida para construir vida nova em Santa Fé, Ana era lembrada por todos como a mulher que tudo suportou e que estabeleceu uma imagem de mulher destemida capaz de enfrentar qualquer pessoa para defender seus ideais.

CONCLUSÃO

Após a análise pode-se concluir que ser mulher no século XIX é um desafio diante de uma sociedade julgadora e de tabus que exigem que a mulher tenha uma só postura diante da mesma. E que Ana Terra quebrou todos esses tabus, mostrando a força feminina que existia dentro de si e que por ser mulher podia sim viver independente, livre do patriarcalismo e da submissão.

Ela arrisca sua própria vida para viver a força do amor que sente por Pedro missioneiro, em uma época em que manter relações com homem é totalmente proibido, a autoridade da família patriarcal a prende em uma esfera de proibições que ela mesma tem a coragem de romper.

Ana Terra enfrenta a realidade na mais ampla e triste solidão depois do massacre cometido por brutamontes. Ela começa do nada, é do nada que procuramos recursos para começar algo novo e bom na vida. É daí que ela vai se sentir possuidora de si mesma, com sua teimosia de viver encontra sua liberdade, sua purificação, sua dependência.

Tem dentro de si uma vitória pessoal, seu sofrimento com a família, seu pai por ser tão rígido, sua mãe por ser submissa não podia dar uma palavra pela filha, seus irmãos com certeza por serem homens apoiavam e obedeciam às ordens do pai. Enfrentar os pais nessa época, jamais! Tinha dentro de si que jamais queria ser que nem sua mãe, baixar a cabeça diante do marido, aceitar que mandasse nela. Já não tinha muito contato com homem, se apaixonou por Pedro, teve um filho dele, mas, talvez jamais Pedro fosse mandar nela, além de se mostrar um homem carinhoso dava-se para ver em sua imagem um homem calmo e sábio.

Acima de todo esse sofrimento vem o maior de todos, passar por um estupro de vários homens um depois do outro, sendo atirada nos braços de cada como uma bola, além de ser vergonhoso, era nojento. Homens desconhecidos, cruéis que só queriam mulheres para o propósito de diversão. Com todo esse sofrimento, o passado não pode agarrá-la, não pode atrasar seu resto de vida, o passado passou, foi embora, que venha o futuro com todas as surpresas que ele traz, que abram novas portas e novos horizontes. Seu gênio forte que tinha herdado de seu pai é um gênio de quem quer conseguir vencer algo e se joga de corpo e alma, que respira e vai fundo.

Por fim percebe-se a importância desse estudo para uma reflexão e conhecimento acerca do perfil que Ana Terra apresenta e da representação histórica e do feminino na literatura na obra *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, e muita coisa tem a se dizer sobre ela, mas o que mais nos detivemos foi em analisar o seu perfil de mulher batalhadora, de forças extremas e porque não dizer de um amor incondicional pela vida. E de como pode-se perceber que se todas ou algumas das mulheres do século XIX tivessem tido a força de vontade, a coragem de enfrentar essas leis impostas sobre suas cabeças, as mulheres tinham conquistado rapidamente seu espaço em meio a sociedade e tivesse rompido com todo esse machismo existente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, Januária Cristina. **O lado feminino no Brasil colonial: a vida das mulheres no século XVI**. São Paulo: Grupo Abril, 1994

Bosi, Alfredo. 1936. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed.- São Paulo: Cultrix, 2006.

Coutinho, Afrânio. **A literatura no Brasil**. – 7ª ed. Ver. e atual.- São Paulo: Global, 2004.

CUNHA, Helena Parente. **Desafiando o Cânone (2): Ecos de Vozes Femininas na Literatura Brasileira no Século XIX**. Rio de Janeiro: Editora: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2007.

Pádua, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática**. - 10ª ed. Ver. e atual. – Campinas, SP: Papyrus, 2004.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Mulheres de Papel**: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói/RJ: Editora Euff, 1996.

SAFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminino no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento (parte 1): O Continente**. 3ª ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

LEITURAS DE ARTIGOS:

Erbes, Luis Carlos. **As amarras do tempo em *O Continente*: entre o movimento, a duração e a espera.** Caxias do Sul, 2012.

Entrelaçamento da História com a literatura em Ana Terra de Érico Veríssimo.

Tanara Mantovani Sfalcin. Acessado às 14:25 hrs no dia 17/11/16 em :
<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000161.pdf>

Portella, Lavínia Guimarães. **A estória Romanesca de Ana Terra e Pedro Missioneiro.** Revista de Pós-Graduação em Letras UNESP – Campus de Assis. Miscelânea, Assis, vol.7, jan./jun.2010

TAVARES, Carla Rosane da Silva. **Ana Terra: símbolo da mulher gaúcha, expressão maior de o tempo e o vento.**

Sites visitados:

<http://www.infoescola.com/sociedade/patriarcalismo/>Fontes:MOORE Jr. Barrington. As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia.

<http://www.scribd.com/doc/2326559/O-que-e-patriarcalismo-e-quais-suas-influencias-nos-dias-atuais> acessado às 15:26 no dia 17/11/16.

<http://www.recantodasletras.com.br>

<http://www.adoropapel.com.br>

<http://www.literatortura.com>